

do desejo de descobrir o caminho da verdade religiosa.

Elas penetram suavemente na razão — a consciência abraça-as sem obstáculo — e a vontade acolhe-as com entusiasmo e prazer.

A influência benéfica da sua luz fogem, envergonhadas, todas as dúvidas — desaparecem as contradições — e brotam torrentes de consolações e harmonias.

É a fé triunfante da negação — é o éter — é a esperança — é a realidade enchendo o abismo do vácuo — é Deus, que se levanta esplendoroso do seio do universo, inundando-o com seu amor.

Benditas as horas que a tão saudável estudo dedicamos! Porque nessas horas o coração sente Deus, a alma respira Deus, a vontade busca Deus e — encontra-o em toda a parte: no sopro do zéfiro, no bramido da tempestade, no cântico do passarinho, no silvo da serpente, na escuridão, na luz, no gusano, no homem, na Terra e nos céus.

Nessas horas, o espírito readquire a paz e a liberdade, e, sobrepujando as misérias da vida, eleva sua vista na direção que lhe aponta o gênio do bem.

II

A procura dos fatos. A revelação é progressiva.

Admitidas a possibilidade e a necessidade da revelação, da comunicação de pensamentos, entre os Espíritos livres e os homens, incompleto ficaria o nosso estudo se, antes de sujeitarmos ao crisol da razão os princípios da escola espírita, esquecêssemos o mais importante: a parte experimental.

Longe de cometermos essa falta, era nossa intenção confirmar as teorias por fatos, buscando nestes o complemento necessário da fé que ia ganhando terreno em nossos ânimos.

E esse complemento veio, porque a revelação ou comunicação espiritual é necessária a toda a humanidade, e o Ordenador do universo não a vinculou a determinadas classes, nem a transmite por herança a certos indivíduos.

Desde o momento em que um coração aflito eleva seus rogos, pedindo a Deus luz, suas palavras chegam ao alto, são ouvidas, e Deus envia Espíritos de conselho (1). “Sempre que me buscardes de todo o coração, me encontrareis”, disse o Senhor (2).

Em sua presença, não há preferência nem exclusão dos seus dons; a todos nós ele faz igualmente participantes dos bens que com abundância derrama sobre os homens.

A revelação é sempre progressiva e na razão do estado e necessidade da humanidade; suas fases são tão variadas como as do gênero humano na sucessão dos séculos.

Cái a chuva e fecunda a terra — e torna a cair, para continuar a fecundá-la.

Nem Moisés, nem os profetas, nem Jesús disseram tudo o que podiam ter dito; cada um falou segundo seu tempo e segundo o que podiam suportar as gerações do seu tempo.

O excesso de luz cega, do mesmo modo que a sua ausência completa; por isto, os profetas falaram diferente de Moisés — e Jesús Cristo diferente dos profetas.

Moisés falava com o castigo — os profetas, com a ameaça, — e Jesús, com a promessa e com o amor.

Hoje, a revelação é uma grande caudal cujas águas cobrem a Terra de um a outro confim.

(1) Daniel, X, 12.

(2) Jeremias, XIX, 13.

As profecias de Isaias e Joel (1) cumprem-se á letra — e os Espíritos derramados por toda a carne, por toda a linhagem dos homens, declaram a verdade da sobrevivência da alma e da existência de Deus.

Os erros religiosos, alguns dos quais oriundos de antigas alegorias mal interpretadas, têm por tal modo aluido as crenças e semeado o desconsolo, a dúvida e a negação, que fizeram necessário o cumprimento daquelas profecias e a vinda do Consolador ou Espírito da Verdade prometido por Jesús Cristo (2), para restabelecer todas as coisas.

Só o Espírito da verdade poderia salvar o mundo moral de um naufrágio, que parece inevitável.

III

Primeiros resultados. Inconvenientes da comunicação e meios de evitá-los.

Não passou muito tempo em ensaios, que não obtivéssemos provas eficientes da verdade da comunicação dos Espíritos.

Vários dos que são hoje membros do grupo lograram prontamente resultados mais ou menos importantes, porém os precisos para adquirirmos a necessária convicção.

Esses ensaios se espalharam, com o melhor desejo, por algumas famílias — e, atualmente, são muitos os médiuns psicógrafos, de um e outro sexo, que praticam com fruto a mediunidade, numa Capital onde nem de nome era isso conhecido (3).

Desde as primeiras experiências, tivemos ocasião

(1) Isaias, XXXII, 15. — Joel, II, 28.

(2) S. João, XIV, 16, 17, 26; XVI, 7 e 13.

(3) Dá-se o nome de médium á pessoa que serve de instrumento de comunicação dos Espíritos.

de observar que a comunicação não era isenta de contradições e perigos.

Vaticínios frustrados, promessas não realizadas, afirmações desmentidas, inexactidões, leviandades, tolices não faltaram, e talvez nos houvessem feito vacilar e desistir da empreza, se não tivéssemos visto, no fundo de tudo aquilo, a realidade de um fato digno de ser estudado, e, ao lado daquelas comunicações desanimadoras, outras, por todos os títulos respeitáveis.

Possuíamos o fato, e o nosso dever era estudá-lo e evitar quanto possível seus inconvenientes.

Não nos foi difícil compreender que a diversidade e os contrastes das comunicações eram naturais e lógicos, como reflexo da diversidade intelectual e moral dos Espíritos.

O Espírito, pelo simples fato da sua emancipação do corpo, não adquire o conhecimento de todas as coisas, nem fica limpo de todas as suas impurezas. Goza, é certo, de maior lucidez, porém conserva as inclinações, os sentimentos e, até certo ponto, os hábitos contraidos em sua vida corpórea. É um sêr progressivo, que não realiza as suas transformações bruscamente, e sim de um modo harmônico e por uma sucessão gradual.

Isto é aceitável e filosófico, mesmo que o Espiritismo não o tivesse feito evidente.

A diversidade que se observa entre os homens não é menor no mundo dos Espíritos — e, portanto, as manifestações individuais dos seres de além-túmulo variam ao infinito, como as manifestações individuais dos homens.

O Espírito manifesta-se douto, prudente, bondoso, verdadeiro, profundo, grave, discreto, virtuoso: ou ignorante, leviano, malévolo, falso, superficial, atoleimado, ridículo, maldizente, segundo o grau da sua cultura intelectual e moral.

O que interessa, pois, é não ligar importância a